

## **ALEITAMENTO MATERNO: PREVALÊNCIA E FATORES CONDICIONANTES EM UMA CIDADE DO INTERIOR DA REGIÃO DA ZONA DA MATA MINEIRA.**

**BREASTFEEDING: PREVALENCE AND CONDITIONING FACTORS IN NA  
INLAND CITY IN THE REGION OF THE MATA MINEIRA ZONE.**

**MELO**, Lucas Benício Lourenço<sup>1</sup>  
**SILVA**, Lucas Novais<sup>1</sup>  
**SOUZA**, Mariana Laura de Paula<sup>1</sup>  
**ANDRADE**, Maria Augusta Coutinho de<sup>2</sup>  
**FÓFANO**, Gisele Aparecida<sup>2</sup>

1. Acadêmicos do Curso de Medicina do Centro Universitário Governador Ozanam Coelho, UNIFAGOC, Ubá - Minas Gerais, Brasil.

2. Docente do Curso de Medicina, Departamento de Medicina, Centro Universitário Governador Ozanam Coelho, UNIFAGOC, Ubá - Minas Gerais, Brasil. E-mail: [guguteoliveira@gmail.com](mailto:guguteoliveira@gmail.com)

### **RESUMO**

**Introdução:** O aleitamento materno, de acordo com a Organização Mundial da Saúde, deve ser o único alimento para os bebês até 6 meses de idade e o principal para as crianças de até 24 meses de idade. Entre suas inúmeras vantagens destaca-se menores índices de morbidade infantil por diarreia, infecções respiratórias, otite média, proteção contra sobrepeso e diabetes. **Objetivo:** O objetivo do estudo foi analisar a prevalência e os fatores condicionantes ao aleitamento materno das gestantes e lactantes investigadas, notando os padrões à implementação na rotina materna e suas dificuldades à essa prática. **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo, quantitativo com delineamento transversal. A coleta de dados foi realizada através de um questionário semiestruturado, para conhecimento materno em aleitamento, realizado com gestantes e puérperas cadastradas em uma Unidade de Saúde localizada no município de Ubá, Minas Gerais, caracterizando uma amostragem não-probabilística de 118 mulheres. **Resultados:** Considerando o conhecimento do termo Aleitamento Materno Exclusivo, 56,7% das mulheres entrevistadas relataram não saber, no momento da entrevista, seu significado; 23,7% relataram achar que existem situações em que o bebê não deva ser amamentado ou que a prática deva ser interrompida; 19,4% das mulheres relataram achar que existe "leite fraco", enquanto 100% acreditam ser um alimento adequado ao bebê. **Conclusão:** Neste estudo foi verificado que a disseminação de informações a respeito do

aleitamento materno, apesar de já ter alcançado muitas mulheres, o número de mães que amamentam de forma correta, mesmo tendo recebido informações a respeito e as que amamentam até a idade adequada, ainda é baixo.

**Palavras-chave:** Aleitamento materno; gestantes; puerpério; amamentação; gravidez.

## ABSTRACT

**Introduction:** Breastfeeding, according to the World Health Organization, should be the only food for babies up to 6 months of age and the main food for children up to 24 months of age. Among its many advantages, there are lower rates of infant morbidity due to diarrhea, respiratory infections, otitis media, protection against overweight and diabetes. **Objective:** The aim of the study was to analyze the prevalence and conditioning factors for breastfeeding among the investigated pregnant and lactating women, noting the standards for implementation in the maternal routine and their difficulties with this practice. **Methods:** This is a descriptive, quantitative study with a cross-sectional design. Data collection was carried out through a semi-structured questionnaire for maternal knowledge about breastfeeding, carried out with pregnant and postpartum women registered at a Health Unit located in the city of Ubá, Minas Gerais, featuring a non-probabilistic sample of 118 women. **Results:** Considering the knowledge of the term Exclusive Breastfeeding, 56.7% of the women interviewed reported not knowing, at the time of the interview, its meaning; 23.7% reported thinking that there are situations in which the baby should not be breastfed or that the practice should be interrupted; 19.4% of the women reported that they thought there was "weak milk", while 100% believed that it was a suitable food for the baby. **Conclusion:** In this study, it was verified that the dissemination of information about breastfeeding, despite having already reached many women, the number of mothers who breastfeed correctly, even having received information about it and those who breastfeed until the appropriate age, is still low.

**Keywords:** Breastfeeding; pregnant women; puerperal women; breastfeeding; pregnancy.

## INTRODUÇÃO

O aleitamento materno, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) deve ser o único alimento para os bebês de até 6 meses de idade e principal para as crianças de até 24 meses (2 anos) de idade<sup>1</sup>, uma vez que é o único alimento que garante, além da saciedade, todos os nutrientes necessários para o crescimento e desenvolvimento infantil, tanto motor, quanto cognitivo e psicológico<sup>2</sup>.

Entre as inúmeras vantagens do Aleitamento Materno, autores demonstram que crianças que recebem o Leite Materno por tempo prolongado, seguindo as recomendações da OMS e dos médicos que as acompanham apresentam menores índices de morbidade infantil por diarreia, infecções respiratórias e otite média, menores taxas de mortalidade por causas como a enterocolite necrotizante e a síndrome da morte súbita na infância, maior quociente de inteligência e melhor formação dentária. Além disso, evidências já demonstraram que o aleitamento pode proteger contra sobrepeso e diabetes no decorrer da vida. Para a mãe, esse ato pode prevenir o câncer de mama, aumentar o intervalo interpartal, reduzir o risco de diabetes tipo 2 e câncer de ovário<sup>1,3,4</sup>. Após os primeiros seis meses de vida, o leite materno continua a ser uma importante fonte de proteínas, vitaminas, energia e demais nutrientes necessários para o bebê, além de oferecer proteção contra doenças infecciosas<sup>5,6,7</sup>.

Ainda, somados aos benefícios à saúde física, tanto do bebê, quanto da mãe, o aleitamento materno também cursa com inúmeros outros benefícios psicológicos, como o vínculo mãe-filho que é estabelecido e exaltado pela amamentação, e cognitivos da criança.<sup>8</sup> Os benefícios cognitivos do aleitamento maternos às crianças foram, inclusive, evidenciados em estudos de acompanhamento ao longo de décadas, que identificaram melhor desempenho escolar em crianças que foram amamentadas por mais tempo.<sup>9</sup>

Benefícios econômicos também são atingidos quando o aleitamento materno é difundido no país, independentemente do índice socioeconômico da região, uma vez que o aleitamento materno é gratuito e dispensa toda a cadeia industrial de produção dos

leites industrializados e fórmulas, inclusive, o uso e descarte na natureza de embalagens, sendo um alimento sustentável e acessível à maioria da população<sup>6,10</sup>.

A própria amamentação serve como método contraceptivo e sua taxa de sucesso é de 98% nos 6 primeiros meses, sendo que quando o aleitamento exclusivo é interrompido, geralmente aos 6 meses, o bebê começa a mamar menos e o estímulo para supressão da ovulação diminui<sup>11</sup>.

No entanto, muitas mães no país ainda não têm o aleitamento materno como prática diária e cotidiana com seus bebês. Estudos enumeram organização familiar, questões psicológicas, impossibilidade física de amamentação e desconhecimento da forma correta de amamentar como os principais motivos para esse problema<sup>12</sup>. Em pesquisa realizada nas capitais brasileiras e no Distrito Federal pelo Ministério da Saúde em 2008, a prevalência de aleitamento materno entre 9 e 12 meses de idade foi de 59%, com a Região Norte apresentando os melhores resultados (77%)<sup>13</sup>.

Dessa maneira, determinantes biopsicossociais podem influenciar em como as mães enxergam e colocam em prática o aleitamento materno, podendo variar conforme a região. Seguindo o padrão de amamentação da maioria dos países não-industrializados, as mulheres de classes menos privilegiadas (classes baixa e média inferior) amamentam mais que as de melhor nível socioeconômico (classes média e alta) (4 meses versus menos de 3 meses). No entanto, deve ser enfatizado que em algumas áreas do país, as mais desenvolvidas, o padrão de amamentação é semelhante ao dos países mais desenvolvidos, ou seja, as mulheres mais educadas, de melhor nível socioeconômico, amamentam por mais tempo<sup>13,14,15</sup>.

Considerando essas informações, nota-se a importância de analisar a prevalência do aleitamento materno identificando fatores condicionantes da amamentação em gestantes e lactantes de uma cidade no interior da zona da mata mineira, reconhecendo a prática correta da amamentação e quais as dificuldades encontradas para realização desta prática.

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

Melo LBL, Silva LN, Souza MLP, Andrade MAC, Fófano GA. Aleitamento materno: prevalência e fatores condicionantes em uma cidade do interior da região da zona da mata mineira. Rev. Cient. Esc. Estadual Saúde Pública Goiás "Cândido Santiago". 2023;9(9b1):1-14.

Os participantes dos estudos foram gestantes e puérperas cadastradas na Policlínica Regional Dr Eduardo Levindo Coelho, localizada no município de Ubá, Minas Gerais, que estavam em acompanhamento durante o pré-natal e puerpério, caracterizando uma amostragem não-probabilística de 118 gestantes e puérperas atendidas durante 12 semanas, com a frequência de 10 pacientes por semana para a coleta de dados.

Trata-se de um estudo descritivo, quantitativo com delineamento transversal, realizado através de um questionário semiestruturado "*Conhecimento Materno em Aleitamento*"<sup>16</sup>, que apresenta 32 questões divididas em três blocos: o primeiro bloco é composto pelos dados de identificação da puérpera, o segundo é referente ao pré-natal e o terceiro e último bloco refere-se ao aleitamento materno. Todas as questões visam identificar o nível de conhecimento da puérpera em relação ao aleitamento materno. As questões do primeiro ao terceiro bloco foram realizadas pelos pesquisadores em forma de entrevista, enquanto as duas últimas questões do instrumento são autoaplicáveis.

Os dados foram organizados no Excel, versão 2206, processados e analisados criteriosamente com o auxílio do EPI INFO versão 3.2. Nas questões do questionário foi utilizada a Escala de Likert, composta por cinco conceitos: insuficiente, regular, bom, ótimo e excelente. Os conceitos foram determinados por intervalos de acertos de 20%. Os critérios de inclusão foram gestantes em qualquer período gestacional e puérperas que estavam em atendimento médico na Policlínica Regional de Ubá e aceitaram participar da pesquisa após assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Respeitando os princípios da ética em pesquisa com seres humanos conforme a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, os dados foram coletados de forma presencial e a coleta de dados foi realizada durante três meses, de janeiro a março de 2021. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em pesquisa em seres humanos do UNIFAGOC, sob o protocolo nº 400/08. Todos os participantes incluídos no estudo assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido.

As variáveis foram apresentadas inicialmente de forma descritivas a fim de caracterizar a amostra, posteriormente, foram analisadas por meio do aplicativo software científico Epi INFO.

## RESULTADOS

Nesse presente estudo foram entrevistadas 118 mulheres, com idades variando de 17 a 46 anos, residentes da Zona da Mata Mineira, sobretudo da microrregião de Ubá, não havendo recusa na participação. 75% da população entrevistada (89 mulheres) estava, no momento da aplicação do questionário, na faixa etária dos 20 aos 30 anos (Tabela 1).

**Tabela 1:** Relação do número de mulheres entrevistadas por cada faixa-etária

Idade	Número de participantes	%
Menos de 18	5	4,2
18 anos	4	3,3
19 anos	0	0
20 - 24 anos	47	39,8
25 - 30 anos	42	35,5
31 - 35 anos	9	7,6
36 - 40 anos	3	2,5
41 - 45 anos	8	6,7
Mais de 45 anos	1	0,8

Fonte: próprios autores.

**Tabela 2:** Prevalência de mulheres entrevistadas que realizaram acompanhamento pré-natal na última gestação e que receberam informações sobre aleitamento materno.

Enunciado	Sim	%
Você realizou acompanhamento pré-natal?	118	100
Durante a gestação ou no pós-parto você recebeu informações sobre aleitamento materno?	71	60,1

Fonte: próprios autores.

Cerca de 53,5% das mulheres entrevistadas que relataram terem recebido informações sobre aleitamento materno durante a gestação ou no pós-parto (38 mulheres) também estas relataram saber o significado do termo Aleitamento Materno Exclusivo (Tabela 2). Observou-se que 26,7% das mulheres entrevistadas que relataram terem recebido informações sobre aleitamento materno durante a gestação ou no pós parto (19 mulheres) relataram saber quais são os tipos de aleitamento materno, enquanto 40,4% das mulheres entrevistadas que relataram não terem recebido informações sobre aleitamento materno durante a gestação ou no pós parto (19 mulheres) relataram saber

quais são os tipos de aleitamento materno; 12,7% das mulheres entrevistadas que relataram não terem recebido informações sobre aleitamento materno durante a gestação ou no pós parto (6 mulheres) relataram saber quais são os tipos de aleitamento materno (tabela 3).

**Tabela 3:** Prevalência de mulheres entrevistadas que relataram saber o significado do termo aleitamento materno exclusivo e quais os tipos de aleitamento materno.

Enunciado	Sim	%
Você sabe o que é aleitamento materno exclusivo?	67	56,7
Você sabe quais são os tipos de Aleitamento Materno?	39	33

Fonte: próprios autores.

Em relação ao conhecimento das mulheres entrevistadas sobre até qual idade os bebês devem receber somente leite materno, a partir de qual idade os bebês podem receber água/chá/outros líquidos e até que idade o bebê deve continuar amamentando no peito materno, mesmo que coma outros alimentos, respectivamente, 32,2% (38 mulheres) das mulheres entrevistadas acertaram a primeira pergunta, assinalando "06 meses", 56,7% (65 mulheres) das mulheres entrevistadas acertaram a segunda pergunta, assinalando "06 meses" e 28,8% (34 mulheres) das mulheres entrevistadas acertaram a terceira pergunta, assinalando "02 anos"; 43,6% das mulheres entrevistadas que relataram terem recebido informações sobre aleitamento materno durante a gestação ou no pós parto (31 mulheres) acertaram a primeira pergunta, 45% das mulheres entrevistadas que relataram terem recebido informações sobre aleitamento materno durante a gestação ou no pós parto (32 mulheres) acertaram a segunda pergunta e 11,2% das mulheres entrevistadas que relataram terem recebido informações sobre aleitamento materno durante a gestação ou no pós parto acertaram a terceira pergunta. Em relação às mulheres entrevistadas que relataram não terem recebido informações sobre aleitamento materno durante a gestação ou no pós-parto, 14,8% (7 mulheres) acertaram a primeira pergunta, 70,5% (33 mulheres) acertaram a segunda pergunta e 14,8% (7 mulheres) acertaram a terceira pergunta (tabela 4).

**Tabela 4:** Conhecimento das mulheres entrevistadas sobre até que idade o bebê deve receber somente leite materno, a partir de que idade o bebê pode receber água/chá/outros líquidos e até que idade o bebê deve continuar a ser amamentado no peito mesmo que coma outros alimentos.

Enunciado	Resposta certa	%
Até que idade você acha que o bebê deve receber só leite materno?	38	32,2
A partir de que idade você acha que o bebê pode receber água/chá/outros líquidos?	65	55,0
Até que idade você acha que o bebê deve continuar a ser amamentado no peito mesmo que coma outros alimentos?	34	28,8

Fonte: próprios autores.

**Tabela 5:** Prevalência de mulheres entrevistadas que relataram saber o significado do termo amamentação em livre demanda, número de vezes para o bebê mamar ao longo do dia e benefícios do aleitamento materno para a mãe.

Enunciado	Sim	%
Você sabe o que é amamentação em livre demanda?	32	27,1
Você acha importante determinar um número de vezes para o bebê mamar ao longo do dia?	25	21,1
Você sabe qual(is) o(s) benefício(s) do aleitamento materno para a mãe que amamenta?	52	44
Você sabe qual(is) o(s) benefício(s) do aleitamento materno para o bebê que é amamentado?	79	66,9

Fonte: próprios autores.

Menos de um terço das pacientes acham que existem situações em que o bebê não deva ser amamentado e situações em que o aleitamento materno deva ser interrompido, porém, ao comparar os dados referentes as mulheres que receberam orientação sobre o aleitamento materno e as que nunca receberam, o número de mulheres que não receberam tais orientações e que respondeu corretamente a esta questão foi 5 vezes maior em relação às que já foram orientadas. Cerca de metade das entrevistadas relataram saber os fatores que estimulam a descida do leite materno e acreditam que deve haver alguma restrição alimentar/alimento proibido durante o período de amamentação.

A maioria das entrevistadas relatou acreditar que a alimentação da mãe modifica a qualidade do leite materno. Também foi observado que há situações em que a mulher que amamenta deva ordenhar seu leite para uma melhor produção e que durante a ordenha muitos cuidados se fazem necessário. Acreditam que o apoio da família e dos profissionais da área da saúde são importantes no processo do aleitamento materno.

Todas as entrevistadas relataram achar o leite materno um alimento adequado para o bebê.

Um número pequeno entre as entrevistadas relatou achar que existe “leite fraco” e saber como ordenhar o seu leite. Alguns relatos de mães revelaram conhecimento sobre até quanto tempo após ordenhado o leite armazenado em geladeira pode ser ofertado para o bebê e que as fissuras/rachaduras/” figo” mamilares ocorrem, sabendo como evitá-las. Quanto ao ingurgitamento mamário/leite empedrado, demonstraram saber qual a melhor forma de evitá-lo e acreditam que toda mãe é capaz de produzir leite suficiente para seu bebê e saberem o que fazer quando a mãe acredita estar produzindo pouco leite.

Em relação às duas últimas perguntas do questionário, as duas únicas questões autoaplicáveis do questionário entre as mulheres que relataram ter recebido informações sobre aleitamento materno durante a gestação ou no pós-parto, a maioria das mulheres entrevistadas assinalaram a figura correta que demonstrava a pega mais adequada do bebê no momento do aleitamento materno, porém, menos da metade das pacientes assinalaram as figuras corretas que demonstravam as posições mais adequadas da mãe durante a amamentação. O número de entrevistadas que assinalou corretamente as alternativas na penúltima pergunta do questionário foi maior entre as que relataram ter recebido informações sobre aleitamento materno durante a gestação ou no pós-parto, mas a diferença em relação ao conhecimento sobre essa questão foi pouco expressiva entre os dois grupos.

## **DISCUSSÃO**

Apesar de, atualmente, a disseminação de informações a respeito do aleitamento materno já ter alcançado muitas mulheres, o número de mães que amamentam de forma correta, mesmo tendo recebido informações a respeito e as que amamentam até a idade adequada, ainda é baixo. Como já se tem um contato com as gestantes e puérperas pelo acompanhamento de pré-natal, os profissionais de saúde podem melhorar ainda mais esse panorama, por meio de ações mais capacitadas e mais dinâmicas, para que assim possam ajudar as mães a superarem os obstáculos encontrados. Então, cabe aos

profissionais da saúde a tarefa de garantir, a cada mãe, uma escuta ativa, ou seja, saber ouvi-la, diminuir suas dúvidas, entendê-las e esclarecê-las sobre suas crenças e tabus, de modo a tornar a amamentação um ato de prazer e não o contrário. É importante que as mães se sintam encorajadas a prosseguir com o aleitamento natural<sup>17</sup>.

No presente estudo, a média de idade das mães foi de 26 anos e todas em acompanhamento de pré-natal ou realizando pré-natal, assim como em outros estudos<sup>18,19</sup>. Apesar da maioria das mães terem recebido informações sobre a prática do aleitamento materno, há uma discrepância entre esse número de mães e aquelas que responderam corretamente as perguntas que abrangem esse tema, sendo que também foi encontrado em outras pesquisas que a maioria da amostra investigada recebeu orientações durante o pré-natal<sup>18,20</sup>.

Observou-se no estudo que ter recebido orientação determinou maior conhecimento acerca do marco de idade para aleitamento materno exclusivo, ou seja, até os seis meses de vida. Entretanto, tal conhecimento não determinou mudança de conduta, visto que somente 32,2% destas mães relataram a idade correta. Este fato condiz com outras literaturas, sugerindo ineficácia ou inadequação das orientações, fazendo com que estas mães não se recordem das mesmas ou optem em não seguir<sup>21</sup>.

A maioria das mães desconhecem o termo livre demanda, ou seja, amamentam os filhos por horário adequado, tendo ocorrido o mesmo em estudos prévios, embora em outro estudo, os intervalos de duas a três horas foram os mais citados<sup>20,22</sup>. Por outro lado, em relação aos subtipos de aleitamento, verificou-se que 33% das mães sabem de tais subtipos. Considerando-se os demais alimentos, observou-se que 55% das mães sabem que somente a partir dos seis meses que pode ser ofertado água, chá, suco de frutas, entre outros líquidos. Nesse aspecto nota-se que as orientações foram repassadas, porém não se tem a certeza de que tal prática é corretamente realizada.

A presente pesquisa evidenciou que as mães as quais receberam orientação acerca da pega durante a amamentação e aquelas que não receberam não se teve grandes discrepâncias de conhecimentos em relação a esta prática realizada corretamente. Além

disso, houve um maior percentual de acertos da correta posição do aleitamento entre as mães que não obtiveram informações acerca do posicionamento materno. Este fato, novamente, nos remete à ineficácia das orientações repassadas às mães e concorda com estudos que reforçam a importância da melhoria da qualidade das orientações<sup>17</sup>.

Entre aquelas que não receberam informação sobre aleitamento materno, a maioria entende que não existe contraindicação para esta prática, no entanto, mesmo entre as que receberam, ainda se tem uma porcentagem que acredita que não há de fato contraindicação.

Quanto às vantagens do aleitamento materno para mãe, somente 44% delas tem esse conhecimento, então mostra-se que há uma defasagem nas informações evidenciando quais e quantos benefícios maternos tal prática pode oferecer. Entretanto, tal vantagem para o bebê acredita-se ter maiores disseminações, tendo em vista que 66,9% mães sabem os reais benefícios (Tabela 5).

## CONCLUSÃO

Apesar do aleitamento materno já ter alcançado muitas mulheres, ainda é baixo o número de mães que amamentam de forma correta e até a idade adequada, mesmo todas tendo recebido informações a respeito. Isso reforça a necessidade de se ter uma equipe multiprofissional atuando na orientação às mães para o sucesso da amamentação e mudanças na sua prática diária.

## REFERÊNCIAS

1. Peres JF, Carvalho AR da S, Viera CS, Christoffel MM, Toso BRG de O. Perceptions of Health professionals regarding biopsychosociocultural factors related to breastfeeding. *Saúde em Debate*. 2021;45:141–51. Available from: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/vBfBHM4sP9F6q4sYysRCnLg/abstract/?lang=en>
2. Barroso HH, Mourão PS, Gomes RL, Almeida MTP de, Silva TS, Ramos-Jorge J, et al. Influência da duração da amamentação na incidência de cárie dentária em pré-escolares: um estudo de coorte. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*. 2021; 21:227–38. Available from: <https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/8n8gG6fRXkQP5MVKxDT3Yty/?lang=pt>

3. Victora CG, Barros AJ, França GV, Bahl R, Rollins NC, Horton S, et al. Amamentação no século 21: epidemiologia, mecanismos, e efeitos ao longo da vida. *Epidemiol Serv Saúde*. 2016;25(1):1–24. Available from: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4108235/mod\\_resource/content/1/Amamenta%C3%A7%C3%A3o%20no%20s%C3%A9culo%2021%20-%20epidemiologia%2C%20mecanismos%2C%20e%20efeitos%20ao%20longo%20da%20vida.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4108235/mod_resource/content/1/Amamenta%C3%A7%C3%A3o%20no%20s%C3%A9culo%2021%20-%20epidemiologia%2C%20mecanismos%2C%20e%20efeitos%20ao%20longo%20da%20vida.pdf)
4. Simas WLA, Penha JS, Soares LB da C, Rabêlo PPC, Oliveira BLCA, Pinheiro FS. Insegurança materna na amamentação em lactantes atendidas em um banco de leite humano. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*. 2021;21:251–9. Available from: <https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/F7Yp5fxGhfrcFjfbNFSyN/?lang=pt&format=html>
5. PUCRS. Agosto Dourado: mês marca o incentivo ao aleitamento materno. 09 de Agosto de 2022. Acesso em 29 de agosto de 2022. Available from: <https://www.pucrs.br/blog/agosto-dourado>.
6. Rodrigues MJ, Mazzucchetti L, Mosquera PS, Cardoso MA. Fatores associados ao aleitamento materno no primeiro ano de vida em Cruzeiro do Sul, Acre. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*. 2021;21:171–7. Available from: <https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/fZP4N67wnz6Wg8xpzNyWvrH/abstract/?lang=pt>
7. Paz MM, Almeida MO, Cabral NO, Assis TJ, Mendes CK. Barreiras impostas na relação puerpérea e recém-nascido no cenário pandêmico do COVID-19. *Rev. Bras. Saúde Matern. Infant*. 2021;21(1):233-236. Available from: <https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/ZMSPKspjFNGtTVZMMGgMxg/?lang=pt&format=html>
8. Pinto SL, Barruffini ACC, Silva VO, Ramos JEP, Borges LL, Cordeiro JABL, et al. Avaliação da autoeficácia para amamentação e seus fatores associados em puerperas assistidas no sistema público de saúde no Brasil. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*. 2021;21:89–96. Available from: <https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/zpDrdyY5tLBzkXCzGWWwhzQ/?format=html&lang=pt>
9. McFadden A, Siebelt L, Marshall JL, Gavine A, Girard LC, Symon A, et al. Counselling interventions to enable women to initiate and continue breastfeeding: a systematic review and meta-analysis. *International breastfeeding journal*. 2019;14(1):1–19. Available from: <https://doi.org/10.1186/s13006-019-0235-8>
10. . Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Atenção à Saúde. Brasil M da S, SAS D. Saúde da criança: nutrição infantil: aleitamento materno e alimentação complementar. Departamento de Atenção Básica, Cadernos de Atenção Básica Brasília: Editora do Ministério da Saúde 2009;(23):112. Available from: [https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/saude\\_crianca\\_nutricao\\_aleitamento\\_alimentacao.pdf](https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/saude_crianca_nutricao_aleitamento_alimentacao.pdf)

11. Alves TF, Coelho AB. Mortalidade infantil e gênero no Brasil: uma investigação usando dados em painel. *Ciência & Saúde Coletiva*. 2021;26:1259–64. Available from: <https://www.scielo.org/article/csc/2021.v26n4/1259-1264/>
12. Wenzel D, de Souza SB. Prevalência do aleitamento materno no Brasil segundo condições socioeconômicas e demográficas. *Journal of Human Growth and Development*. 2011;21(2):251–8. Available from: <https://www.revistas.usp.br/jhgd/article/view/20013/22099>
13. Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. II Pesquisa de prevalência de aleitamento materno nas capitais brasileiras e Distrito Federal. Brasília, DF; 2009. v.1 50-62p. Available from: [https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pesquisa\\_prevalencia\\_aleitamento\\_materno.pdf](https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pesquisa_prevalencia_aleitamento_materno.pdf)
14. Giugliani E, Issler R, Justo E, Seffrin C, Hartmann R, Carvalho N. Risk factors for early termination of breast feeding in Brazil. *Acta Paediatrica*. 1992;81(6–7):484–7. Available from: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/j.1651-2227.1992.tb12279.x>
15. Barros FC, Halpern R, Victora CG, Teixeira AMB, Béria JU. Promoção da amamentação em localidade urbana da região sul do Brasil: estudo de intervenção randomizado. *Revista de Saúde Pública*. 1994; 28:277–83. Available from: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/cdDn6XnNL44fnw3kkwTzQtw/?format=html>
16. *Brazilian Journal of Health Review*, Curitiba. jan./feb. 2021;4(1):2303-2315. Available from: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/issue/archive>
17. Furtado LCR, Assis TR. Diferentes fatores que influenciam na decisão e na duração do aleitamento materno: uma revisão da literatura. *Rev Movimenta*. 2012;5(4):303–12. Available from: <https://web.archive.org/web/20180417080305id/http://www.revista.ueg.br/index.php/movimenta/article/viewFile/7073/4842>
18. Alves CRL, Goulart EMA, Colosimo EA, Goulart LMHF. Fatores de risco para o desmame entre usuárias de uma unidade básica de saúde de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, entre 1980 e 2004. *Cadernos de Saúde Pública*. 2008; 24:1355–67. Available from: [https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource\\_ssm\\_path=/media/assets/csp/v24n6/16.pdf](https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/csp/v24n6/16.pdf)
19. Santos VLF dos, Soler ZASG, Azoubel R. Alimentação de crianças no primeiro semestre de vida: enfoque no aleitamento materno exclusivo. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*. 2005; 5:283–91. Available from: <https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/LkTSyDmZXtpT6wZjzvZ4B6x/?lang=pt&format=html>

20. Sandre-Pereira G, Colares LGT, Carmo M das GT do, Soares E de A. Conhecimentos maternos sobre amamentação entre puérperas inscritas em programa de pré-natal. Cadernos de Saúde Pública. 2000; 16:457–66. Available from: [https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource\\_ssm\\_path=/media/assets/csp/v16n2/2095.pdf](https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/csp/v16n2/2095.pdf)
21. Melo AM de CA, Cabral PC, Albino E, Moura LMD, Menezes AEB de, Wanderley LG. Conhecimentos e atitudes sobre aleitamento materno em primíparas da cidade do Recife, Pernambuco. Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil. 2002; 2:137–42. Available from: <https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/dSGqGVgw5n8TkKFCC6nXwHq/abstract/?lang=pt>
22. Volpato SE, Braun A, Pegorim RM, Ferreira DC, Beduschi CS, Souza KM. Avaliação do conhecimento da mãe em relação ao aleitamento materno durante o período pré-natal em gestantes atendidas no Ambulatório Materno Infantil em Tubarão, (SC). Arq Catarin Med. 2009;38(1):49–55. Available from: <http://www.acm.org.br/acm/revista/pdf/artigos/625.pdf>